



Filosofia e Psicologia - O Pensamento Fenomenológico-Existencial de Karl Jaspers.

[CARVALHO, José Maurício de. *Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Lisboa, 2006.*
265p.]

Rafael César Pitt

Membro do Núcleo de Pesquisa “Madame de Staël e o Romantismo” - UFJF

Aluno do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião - UFJF

rafaelpitt@yahoo.com.br

José Maurício de Carvalho é um engajado escritor brasileiro. A obra que é objeto desta análise (*Filosofia e Psicologia - O Pensamento Fenomenológico-Existencial de Karl Jaspers*), vem completar sua vasta bibliografia filosófica desenvolvida nos últimos anos. Com formação universitária em Psicologia e Filosofia, atualmente é professor titular do Departamento de Filosofias e Métodos da Universidade Federal de São João del - Rei - DFIME - UFSJ. Lançado em novembro de 2006 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, o referido trabalho realiza um balanço do aspecto fenomenológico-existencial da obra de Karl Jaspers (1883-1969) a partir do diálogo entre Filosofia e Psicologia.

O livro é dividido em 3 capítulos. O primeiro discute o existencialismo de Jaspers. O existencialismo é marcado pela insegurança da vida, um modo próprio de viver em crise. O homem é entendido a partir de suas dificuldades, dos limites que o encerram em um determinado modo de vida e não outro; a certeza da morte, a angústia da solidão, os elementos que encontramos na existência e que estão em contraposição à nossa realização enquanto existente.

O segundo capítulo aborda a Teoria da Realidade elaborada por Karl Jaspers. Partindo da fenomenologia e de seu questionamento radical do que seja a realidade frente à consciência, o capítulo oferece uma abordagem ampla da teoria do real por toda a Modernidade, começando com Descartes e a cisão entre o conhecimento sensorial e espiritual até chegar a Kant e a autonomia moral da consciência frente ao mundo objetivo. Carvalho mostra como Jaspers se apropria do discurso fenomenológico para explicar o existente e, nesse intento, cria os interessantes conceitos de cifras da transcendência e de englobante.

O terceiro e último capítulo mostra como o aspecto filosófico de Karl Jaspers se relaciona com sua prática terapêutica. Jaspers seguiu carreira psiquiátrica, porém reconheceu a liberdade existencial - sua e do paciente - dentro do momento clínico. Indo além das concepções naturalistas de Freud, Jaspers mergulha na tradição filosófica do Ocidente para buscar as soluções que afetaram seu espírito. Segue-se após este capítulo uma breve Conclusão, delimitando o panorama da obra de Carvalho.

No capítulo 1 - Jaspers e o Movimento Existencialista - Carvalho inicia-o explicitando que tipo de pessoa a cultura ocidental aprendeu a chamar de filósofo. O sentido amplo seria aquela pessoa que procura solucionar os problemas de sua época. A história nos mostra que a sociedade humana – e dentro dela o homem singular - é constantemente pressionado por problemas e questões a resolver. Atualmente é o aquecimento global, em outros tempos a validade das ciências. Na Antiguidade Clássica o ser, na medievalidade a questão de Deus. Assim, a tarefa do pensamento adquire importância e sistematicidade na medida em que serve ao homem como ferramenta do viver.

O filósofo, por tradição, é aquele que procura responder às questões maiores ou últimas, aquelas que interessam a todos os homens. De que é feito o mundo? Como posso saber o que é real? Karl Jaspers elabora uma filosofia da existência não de modo puramente descritivo e analítico, mas favorecendo a interação do homem com as coisas, tomando o existente como eixo de se pensar a existência.

Carvalho explica em sua obra que o viver existencialista é construído sobre as dificuldades que a vida traz. Toda a história é marcada por este desafio: dar um sentido à ação

do homem no mundo. "Os existencialistas, e também Jaspers, contrapõem as dificuldades da situação-limite da vida às possibilidades abertas pela ação do homem" (p. 32). Os existencialistas procuram uma ponderação entre a vida e a cultura humana. A ação humana tem para Jaspers o sentido de liberdade em direção à construção de um futuro possível. Cada escolha feita leva o homem a este futuro na mesma medida em que o configura. O homem é capaz tanto de relacionar-se com o mundo mediante suas escolhas quanto com sua própria consciência recolhendo-se em sua solidão ontológica. É este distanciamento do mundo e do outro que resguarda ao homem seu sentimento de liberdade, pois ao recolher-se cada qual identifica sua peculiaridade, sua diferença frente aos demais, ou seja, sua capacidade de ser livre. É o viver frente a um futuro inacabado que caracteriza a história humana, não obstante, seja o sentido de singularidade e de integrante do cosmo que movimentam toda a filosofia existencialista: é impossível pensar o homem à parte do mundo e vice-versa.

Os vários pensadores existencialistas elaboraram explicações sobre a singularidade do homem concreto. "O existencialismo é uma corrente filosófica que coloca o problema da realidade na ótica concreta do existente" (p. 19). Em geral, os filósofos existencialistas referem-se ao ser do homem como condicionado às escolhas que ele faz na vida. Martin Heidegger (1889-1976) exemplifica Carvalho, "(...) esclarece que o homem tem que escolher o seu ser, ele precisa decidir o que vai fazer com sua vida" (p. 20). Este peculiar modo de viver significa ser único entre todos os homens. Sem uma essência definida cabe ao indivíduo a responsabilidade de escolher o que vai ser. A vida torna-se campo de construção, espaço aberto ao continuamente novo, limitado apenas pelas conseqüências das próprias atitudes do homem. A liberdade humana é vivida em situação, circunscrita à materialidade e ao próximo ao redor. "Assim, o que confere à existência sua marca mais relevante é o destino único, irrepetível e singular que cada um de nós imprime à própria vida" (p. 27).

O século XX cumpriu seu papel dentro da proposta existencialista: forneceu ao homem muitos problemas a que se ocupar. Guerras de enorme brutalidade, extermínio de populações inteiras, problemas econômicos globais, governos totalitários completamente indiferentes aos valores da vida e da consciência forneceram pelo século XX bastante material para ser refletido.

Devido à herança fenomenológica os existencialistas, e entre eles Jaspers, percebem o movimento e a transformação do mundo como elemento inerente à vida do homem. Não resta espaço, nesse entendimento, para qualquer determinismo que enquadre o viver humano em determinado modo de vida. O homem e sua consciência são processos intercambiáveis com o mundo.

Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi o principal existencialista francês. Para ele, aponta Carvalho, diante de um século tão problemático o existencialismo adquiriu caráter de humanismo, com a missão de resgatar ao homem a coragem e a vontade de viver. "Sartre observa que o existencialismo é uma forma de humanismo, uma maneira de afirmar a condição humana apesar da precariedade e limites da existência" (p. 28).

Toda época de crise acarreta a revisão dos valores. Jaspers faz uma releitura de alguns valores modernos que estão em decadência. A confiança irrestrita na razão e a certeza do avanço moral da humanidade, valores cultuados na centúria passada a ele são revistos e transformados em uma confiança saudável na razão e atenção à liberdade e dignidade do ser humano.

Carvalho compara Jaspers com o antecessor do existencialismo, Sören Aabye Kierkegaard (1813-1855), a fim de entendê-lo melhor. De profunda inspiração religiosa, Kierkegaard vê o homem como um ser miserável condenado a viver sob o jugo da angústia. A fé é o único meio possível do homem para atingir algum grau de certeza neste mundo. Suas escolhas são o que o definem, mas estas apenas realçam a limitada condição humana. O que une esses dois pensadores é que a singularidade humana é vivida em contato com o transcendente, mas o sentido que essa transcendência adquire para a vida humana é bem distinto entre eles. Kierkegaard faz da presença divina um obstáculo à realização humana. Viver é ser oprimido entre um mundo sem sentido e um Ser Todo Poderoso. Já Jaspers vê na presença divina uma salutar possibilidade do homem conviver com o transcendente, mesmo que esse Absoluto encerre em si todo o mistério da existência ao passo que o homem compartilha dessa existência a partir de suas convicções finitas.

Podemos perceber que, para os existencialistas, a questão central a ser respondida é a relação entre consciência e realidade, homem e mundo. Este é o segundo capítulo escrito por Carvalho - Jaspers e a Teoria da Realidade.

A existência do homem é marcada por dois âmbitos: aquele da natureza, que compreende a fisiologia humana e seus impulsos, desejos e paixões; e outro da cultura, espaço que compreende a relação do homem com os objetos e os outros homens entendidos como alteridade. A teoria da realidade privilegia a contato da consciência com estes elementos da cultura. A fenomenologia, no entender de Jaspers, está correta ao estabelecer como parâmetro filosófico a impossibilidade de pensar o homem desligado do mundo. A consciência humana é sempre consciência de algo, de alguma coisa.

Jaspers valoriza a ciência por seu caráter pragmático. Ela se ocupa exclusivamente de solucionar os problemas práticos do homem a fim de tornar a vida desse mais fácil. Mas por causa dessa unilateralidade a ciência não é capaz de explicar a totalidade do real, faltando-lhe para tal a inter-relação dos vários ramos do saber humano.

Jaspers e a fenomenologia dividem o real em quatro estratos: o mundo físico, o mundo da vida, o mundo da alma e o mundo do espírito. Esses estratos se interpenetram mutuamente. É impossível falar de um sem pressupor ou atingir o outro. Contudo, as ciências objetivam somente um deles quando delimita seu campo de estudo, daí o caráter de conhecimento parcial. Para Jaspers é impossível atingirmos uma definição completa da vida. Tal fracasso deve-se à nossa condição de existente inserido num universo que não compreendemos completamente. “O mundo não se objetiva perfeitamente, estamos em nossa vida diária diante de um grupo de objetos, mas o mundo mesmo não se torna objeto” (p. 87).

O problema do real não é novo na tradição filosófica. Trata-se de um tema moderno que se modificou várias vezes. O conceito de real na Modernidade consiste naquilo que é impresso na consciência do indivíduo após o contato deste com o real. Esta trajetória se inicia com Descartes. A problemática proposta por Descartes é que nossos sentidos não oferecem intuições seguras sobre o quê são as coisas, ou seja, ele abre caminho para imaginarmos a

consciência como distinta do mundo. O amadurecimento deste pensamento está na filosofia crítica de Kant. Para este a consciência adquire autonomia frente ao real devido à sua estrutura cognitiva interna.

A reflexão fenomenológica incorpora o debate consciência/real-objeto, contudo a ênfase recai na consciência e em seus múltiplos modos de representar o ser das coisas. A representação na consciência não configura uma verdade completa, porém satisfaz a unidade do sujeito que a intui. Karl Jaspers insere-se “nos meandros lógicos desta discussão, está interessado em saber as diferentes formas que a verdade pode assumir e as entende como a realidade a ser estabelecida a partir do que o homem é” (p. 94). Como cada homem encontra-se inserido na existência de forma única, o conjunto da atividade humana consegue elaborar um razoável nível de entendimento.

Aquilo que em cada época se entende por realidade está diretamente ligada à concepção de universo dessa época. O século XX experimentou uma virada na concepção de universo principalmente pelas descobertas da física, o que não passou indiferente a Jaspers. A ciência moderna postulava o modelo newtoniano de universo, uma máquina perfeitamente racional em seu funcionamento. Esse paradigma assegurava a validade do conhecimento através da oposição consciência/objeto. Albert Einstein (1879-1955) rompe com este modelo ao provar que o universo não é um todo completo, ainda está em expansão contínua por partículas energéticas. O que esta teoria influencia o pensamento de Jaspers? Ela atesta que o conhecimento sensível que temos das coisas “é apenas o primeiro plano em que o mundo pode ser observado” (p. 102).

Jaspers não é indiferente à descoberta de Einstein. O real deixa de ser visto como um todo homogêneo e passa a ser considerado a partir de seus estratos. A presença humana neste mundo ocorre de forma singular. A rigor, o mundo é visto pelo homem como um todo fragmentado. Em cada uma de suas partes a causalidade ocorre de forma diferente. Um átomo não se comporta da mesma maneira que um cavalo. A ciência novamente desmistifica as concepções humanas mostrando como aquilo que antes funcionava sob aspecto mágico na verdade ocorre por premissas racionais, embora para Jaspers essa desmistificação não elimine

por completo o mistério da existência.

Para Jaspers o existente concreto apesar de toda explicação científica sobre o mundo encontra-se irremediavelmente em confronto com a transcendência. É aquele sentido que o aproxima de Kierkegaard. Isso quer dizer que, para Jaspers, há uma relação própria do existente com Deus. O existente e os demais homens ao experimentarem a realidade constroem dela uma representação. Nessa atividade o existente acaba por reconhecer os limites de sua própria representação. Esses limites são os liames entre o homem e Deus, o existente e o transcendente. A ligação que o existente possui com o transcendente é expressa pelo conceito de cifras da transcendência. Para o pensador cifra é aquilo que requer uma interpretação. A cifra não nos dá a resposta de imediato. Isto ocorre porque só podemos falar do infinito a partir do finito; daí o uso das cifras (sejam ela símbolos, mitos ou obras de arte) para falarmos do Absoluto. “Jaspers refere-se às cifras como as formas de linguagem pela qual a humanidade expressou seu voltar-se para além das situações-limite” (p. 106). O positivo das cifras é que elas dão vazão à sede de Absoluto do existente. Mergulhado na realidade o homem concreto vive em situações-limite por sua condição finita; contudo o homem não ignora o infinito e, ao reconhecê-lo, decifra-o buscando um sentido para a existência.

Apesar de avaliar diversas religiões Jaspers não se vinculou a nenhuma. Seu objetivo foi descobrir os diferentes modos de falar do transcendente. Para ele a divindade não pode ser explicada pela razão. O contato com o transcendente inicia o processo de decifração, porém, para Jaspers, é temerário imaginar que o homem vai conseguir terminar esse processo. “Chegamos, portanto, à seguinte situação: a transcendência aparece na existência, ela emerge no pensamento e se abre ao contato existencial, embora seja incognoscível” (p. 107).

Contudo, as cifras de transcendência não esgotam a maneira como a consciência relaciona-se com o real. Desde Kant esta questão é considerada a partir da forma como intuimos o real, ou seja, Kant estabeleceu as condições subjetivas do pensamento em sua filosofia transcendental. Aos pensadores posteriores coube explicar as condições objetivas dessa atividade. Consideramos a resposta fenomenológica de Husserl. “Eis a lição da

fenomenologia: não se pode pensar o eu à parte do mundo, a consciência é já uma consciência preenchida pelo objeto” (p. 116). Logo, para Husserl, entende Jaspers, a consciência comporta em seu interior a dicotomia radical que há entre o sujeito que pensa e o objeto que é pensado. Contudo, esta cisão original não satisfaz Jaspers. Para este deve haver um âmbito maior de compreensão que abarque tanto o sujeito quanto o objeto, porém sem resumir-se a eles. O englobante é a condição epistemológica da consciência explícita no sujeito e no objeto. O englobante, enquanto possibilidade do conhecimento é a matrix originária da consciência que compreende a cisão radical de Husserl. Para Husserl, pai da fenomenologia, a relação sujeito/objeto está no interior da consciência. Jaspers se debruça sobre a questão e considera mais importante do que o interior é o fundamento original da consciência frente ao sujeito e ao objeto. Este fundamento original é o englobante ou envolvente.

Jaspers chega a esse ponto porque toda filosofia que pretenda abranger a totalidade do real tem diante de si tarefa interminável. Assim, diante da fenomenologia, Jaspers acrescenta seu conceito de englobante. A história da filosofia é isso: o conjunto de tentativas individuais de representar a totalidade do cosmos. Dessa forma Jaspers identifica o englobante com a questão do ser, problema histórico de todos os filósofos. “(...) a explicação teórica para a questão da existência das coisas é o problema do próprio englobante, porque o ser não é sujeito nem objeto” (p. 117).

Para o filósofo quando nos deparamos com a questão do ser estamos lidando com o englobante. Nossa capacidade de o atingirmos é limitada, pois só temos a nossa volta objetos particulares que esconde o todo. Deus, nessa concepção, acaba surgindo como aquilo que está além de nossa capacidade cognitiva. Por não se mostrar completamente, nossa linguagem sobre Deus é sempre simbólica. Nossa razão reinterpreta continuamente as cifras a fim de compreender Deus. A transcendência é Deus, e o mundo é este conjunto do real que se mostra à consciência.

No terceiro e último capítulo – Psicologia e Filosofia - Carvalho enfoca o Jaspers psiquiatra, preocupado em complementar a prática terapêutica com lições filosóficas. Jaspers entende que a partir da fenomenologia é possível realizar uma descrição completa dos fatos

psicológicos sem prejuízo à cientificidade do processo, mas também julga importante levar em consideração a condição existencial envolvida na terapia. Temos aí a peculiaridade do pensamento jasperiano: desenvolver um estudo científico dos fatos psicológicos sem afetar o aspecto existencial da pessoa. O meio que o pensador encontra para consolidar seu intento “consiste em avaliar a tradicional relação estabelecida entre o sujeito e os objetos, tomada como o cerne da composição psicológica” (p. 161).

O que confere singularidade à fenomenologia jasperiana é que, ao tratar da consciência, explica Carvalho, nosso pensador não opõe a racionalidade ao modo múltiplo de viver do homem, como fazem a psicanálise e a psiquiatria naquilo que elas chamam de comportamento irracional. É o uso próprio da fenomenologia que confere a Jaspers a capacidade de reunir em um estrato da realidade o fato psíquico e o irracional. Para Jaspers, acima da dicotomia racional/irracional está o espírito como atividade organizadora do mundo singular do existente, contendo informações e procedimentos próprios do sujeito.

Um homem encerrado em si é um mundo. Seu ser é um modo de ser, uma maneira de conduzir sua vida ao longo da existência. A fenomenologia existencial investiga o drama de nascer, crescer e morrer com a obrigação irremediável do existente de conduzir sua própria vida. A existência humana só encontra efetividade numa situação concreta, em uma circunstância específica de ser no mundo. Podemos deduzir que algumas pessoas experimentam o mundo de uma maneira muito diversa das demais. Uma pessoa que não se comunica não se abre a uma verdade compartilhada. É aquele tipo de pessoa que a história aprendeu a chamar de louca.

As referências gerais observadas de um conjunto de existentes contribuem a entender as psicopatologias como uma série de fenômenos da consciência. Jaspers dessa maneira consegue respeitar a maneira como o paciente vê seu próprio mundo, as particularidades construídas por ele para dar transparência e significação à sua configuração cósmica pessoal. Há então uma nova definição de psicopatologia: consiste em detectar aquele indivíduo que não compartilha “idéias, sentimentos e todo tipo de criação cultural” (p. 168); ao contrário ele se isola, resiste aos outros e ao mundo dentro de sua estrutura interior.

A partir dessa perspectiva, o indivíduo psicopatológico não se distingue essencialmente das outras pessoas. Ambos os tipos estão inseridos no mundo e convivem com sua consciência de existente. Contudo, o indivíduo psicopatológico possui características próprias que permitem identifica-lo. Carvalho resume os critérios elaborados por Jaspers. "A anormalidade é observada quando encontramos delírios, alterações profundas no humor, distanciamento das pessoas que com ele convive (...)" (p.169). Ainda outra característica é a incapacidade do indivíduo de estabelecer relações duradouras com outras pessoas. A falta de lucidez em seus próprios projetos também é apontada como um sinal, considerando que tais projetos levaram ou levam o indivíduo ao fracasso.

Jaspers concorda com Freud no fato das formas inconscientes serem muito importantes para a vida do homem, porém a afirmação de que os traumas infantis são determinantes para a ação das pessoas é para ele um exagero. Jaspers defende que o homem não é determinado de forma alguma, que ele pode elaborar soluções novas para sua vida, desenvolver habilidades que antes não possuía, que seus traumas, embora lhe marquem, não o limitam. O existente está sempre em um âmbito aberto de escolhas ao quê quer ser.

A psicologia, assim como outras ciências, desenvolve-se a partir de um método determinado e de um objeto preciso. A pesquisa dos fatos psicopatológicos não ocorre isolada no pensamento jasperiano, ela possui fundamentação filosófica desses mesmos fatos. Jaspers assim trabalha "porque a formação filosófica ajuda a evitar discussões desnecessárias, supera preconceitos e esclarece aspectos do conhecimento humano que estão na base de toda investigação" (p. 180). Em termos práticos, o emprego da filosofia na prática terapêutica ajuda a não reduzir o homem a uma teoria. A filosofia ensina que nenhuma teoria é capaz de captar a objetividade de todo o real.

O homem é um ser biologicamente parecido com os animais, porém possui como atributo exclusivo a racionalidade. Os animais possuem uma consciência pouco desenvolvida que lhes permite aprender simples funções motoras e cognitivas, porém a consciência humana é capaz de desenvolver patologias psíquicas únicas que não estão associadas a qualquer função motora. O homem apesar de estar em um corpo físico possui uma atividade espiritual

que lhe possibilita “organizar suas experiências, expectativas, esperanças, projetos, seu próprio mundo interior” (p. 180). Em outras palavras, o homem é o único ser capaz de construir para sua vida um sentido singular.

Na psicologia encontramos várias teorias que explicam o homem: as psicanalíticas, as personalistas, as comportamentalistas e várias outras. As várias diferenças entre elas não impedem a construção de generalidades e pontos em comum. O diálogo da Filosofia e da Psicologia pode ser feito a partir desse foco, e o pensamento fenomenológico-existencial de Jaspers é um exemplo bem sucedido. A diversidade epistemológica tanto da Filosofia quanto da Psicologia não constitui obstáculo intransponível a uma visão maior do homem. Trata-se de uma tarefa que ainda possui vários capítulos a serem escritos.

Carvalho conclui a obra com interessante perspectiva sobre o Karl Jaspers. Consiste em entender a vida pessoal do filósofo correlativa à sua obra teórica. A mesma característica não é encontrada em todos os intelectuais. Muitos são aqueles que vivem de maneiras bem distintas à construção de seus edifícios teóricos. A vida de Jaspers é marcada por seu casamento, sua prática psiquiátrica e seus problemas com o nacional-socialismo. É possível encontrar em sua obra indicações existenciais relativas a esses elementos. Naquele sentido comum na Roma antiga, Jaspers foi um humanista: aquele que conjuga vida pública com a privada.

José Maurício de Carvalho realiza nesta obra uma interessante abordagem da obra jasperiana a partir do diálogo Filosofia e Psicologia. Com um conhecimento seguro sobre as áreas, o autor nos mostra uma parte do pensamento do século XX com suas particularidades, feições e problemas próprios. Começando pelas características do movimento existencialista e seus principais pensadores, Carvalho segue a teoria da realidade elaborada por Jaspers e procura mostrar como o pensador utilizou em sua prática terapêutica as lições que a Filosofia lhe ensinou. O livro constituiu proveitosa leitura para os acadêmicos das devidas áreas do conhecimento e para os interessados no pensamento jasperiano.